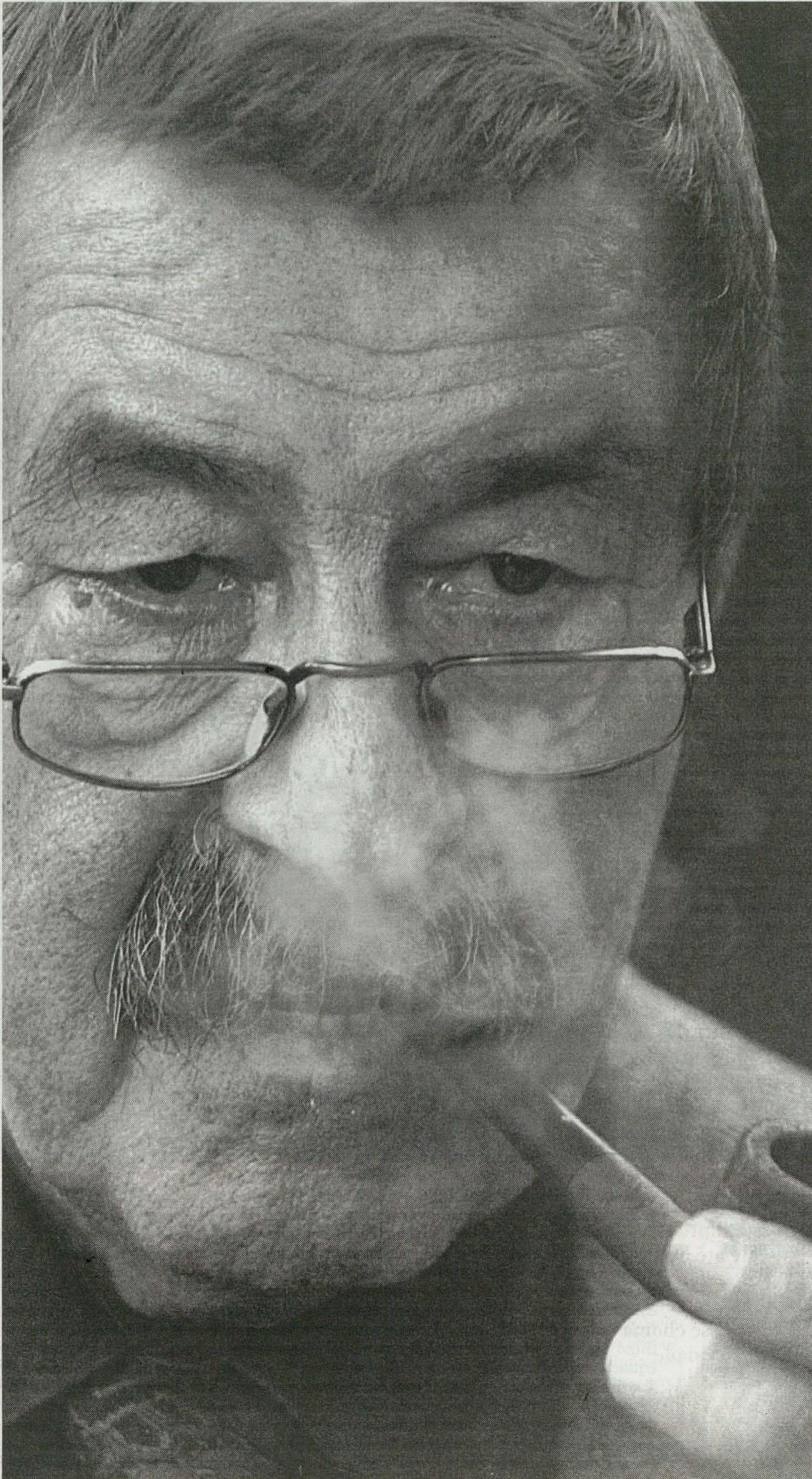


GÜNTER GRASS A PELE DEBAIXO DA PELE DA CEBOLA

“Beim Häuten der Zwiebel” é o livro mais pessoal do Nobel da literatura, a razão da polémica, onde Grass conta como se alistou nas Waffen-SS e onde também diz que não consegue esquecer

HELÉNA FERRO DE GOUVEIA, BONA



Camada a camada Günter Grass vai retirando as peles do bolbo até chegar ao núcleo. O final da infância, o segredo dos 17 anos, a pulsão sua escrita. As 479 páginas de *Beim Häuten der Zwiebel* (ou *Descascando a cebola*, tradução livre), a autobiografia escrita pelo Nobel da Literatura, merecem ser lidas não pelo perfume de escândalo – Grass, o ícone da esquerda envergando o uniforme negro das Waffen-SS – mas pela qualidade da escrita, pela profusão de detalhes descritos acerca do maior escritor alemão contemporâneo, e pela metáfora da juventude de uma geração de alemães.

O fim da sua infância é o fim de um mundo. *Beim Häuten der Zwiebel* (a saída foi antecipada para quarta-feira e em apenas três dias a primeira edição de 150 mil livros com ilustrações do próprio escritor esgotou-se praticamente, com a editora Steidl a preparar uma segunda edição de 100 mil exemplares) é não apenas o livro mais pessoal de Günter Grass e uma fascinante obra de literatura de memórias, mas também o exemplo de uma juventude alemã, cunhada pelos anos de chumbo do Terceiro Reich pela guerra e destruição.

O livro, que tem onze capítulos – de 1939 até à publicação de *O Tambor* em 1959 – começa com o menino Grass, aos 17 anos em Danzig, hoje Gdansk. “Num espaço apertado a minha infância chegou ao fim, quando ali, onde eu cresci, a guerra começou em diferentes frentes (...). A memória gosta do jogo de escondidas das crianças. Ela esconde-se. Tende a embalar-se sem necessidade. Contraria o cérebro pedante. Quando lhe colocam perguntas, a memória assemelha-se a uma cebola que gostaria de ser pelada, de forma a libertar, aquilo que letra a letra se pode ler. Raramente é ambíguas, muitas vezes escritas invertidamente ou codificadas. Seis anos mais tarde a Europa estava em cinzas e Günter Grass é libertado do campo de prisioneiros de guerra de Bad Aibling, para uma liberdade incerta. Tinha 18 anos.

“Descobri-me voltando as folhas atrás e vi como saltavam páginas e ali onde havia lacunas desenhei ornamentos (...). O certo é que me apresentei voluntariamente ao serviço militar.” Aos quinze anos? “Quando? Porquê?” pergunta Grass. “Como não me recorda da data, nem posso recordar-me do tempo, já nessa altura variável, nem enumerar

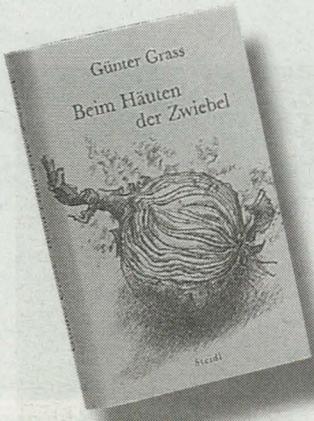
cedia em simultâneo
Oceano Glacial Ártico
caso e nas restantes
de momento só que
converter-se em frases as
míveis circunstâncias
tinentaram, que em-
ram a minha decisão e
almente me levaram a
o salvo conduto oficial.
lhes pode agregar epíte-
mantes. O que fiz não foi
evianidade juvenil.”

ramento
Encontrei o centro de
ramento num edifício da
polaca, no qual, por des-
portas com letreiros se
stravam, organizavam
vavam em dossiers ou
mentos”, descreve Grass.
de se apresentar, havia
perar a chamada. “Dois
rapazes maiores com
não tinha muito que
passaram à minha fren-
sub-oficial do exército
da marinha quiseram-
de mim por ser muito
... Disseeram-me que a
como era sabido, não
ngar apenas debaixo de
por isso iam tomar nota
nificar a minha inscrição
dos centros de recruta-
... Não te impacientes
amar-te-ão mais cedo
elas pensas.”

anos decorridos sobre
mento chegou a guia de
de Günter Grass. “Di-
ramente que o recruta-
ava o meu nome ia ser
no nos blindados, num
de treino militar das
SS para ser artilheiro
que algures lá longe nas
da Boémia. A pergunta
stou-me o que no centro
tamento saltava a vis-
o ainda hoje passados 60
me assusta esse duplo S?”
da cebola não se gravou
me permita ler signos de
nem muito menos de in-
ção. Mais, considerava
ffen-SS como unidade
que entrava em acção
vez que era necessário
uma ruptura na frente,
saltar um cerco como o
nyansk ou reconquistar
k... A dupla runa na gola
uniforme não era repug-
... escreve na pág. 126.

o jovem Grass, que aos
considerava um homem, o
rante era a arma. Se não
am ser os submarinos en-
artilhararia. “O que havia
com o tonto orgulho dos
jovens anos quis calar
da guerra por vergonha
re renovada. No entanto
ga subsistia e ninguém
tia aligeirar. É verdade
rante o meu treino nos
es, que me embruteceu
te o Outono e o Inverno,
sabia nada dos crimes de
que depressa vieram à
da afirmação da minha
ncia não pode ocultar a
ncia de ter estado inte-
num sistema que pla-
ou, organizou e praticou
ermínio de milhões de
humanos. Mesmo que
desse convencer de não
uma responsabilidade
s, sempre ficava algo, que
je não se apagou, que
demasiada frequência
ama responsabilidade
partilhada. Viverei com
é ao fim dos meus dias,
certo.” ■

“A pergunta é
‘assustou-me
o que no centro
de recrutamento
saltava a vista, como
ainda hoje passados
60 anos me assusta
esse duplo S’?
Na pele da cebola não
se gravou nada que
permita ler signos
de susto, nem muito
menos de indignação”



“A dupla runa na gola
do meu uniforme não
era repugnante”

“O que havia aceite
com o tonto orgulho
dos meus jovens anos
quis calar depois da
guerra por vergonha
sempre renovada.
No entanto a carga
subsistia e ninguém
a podia aligeirar. É
verdade que durante
o meu treino nos
tanques, que me
embruteceu durante
o Outono e o Inverno,
não se sabia nada dos
crimes de guerra que
depressa vieram à
luz, mas a afirmação
da minha ignorância
não pode ocultar a
consciência de ter
estado integrado
num sistema
que planificou,
organizou e praticou
o extermínio de
milhões de seres
humanos”

“Mesmo que me
pudesse convencer
de não ter tido uma
responsabilidade
activa, sempre ficava
algo, que até hoje
não se apagou, que
com demasiada
frequência se chama
responsabilidade
compartilhada.
Viverei com ela até
ao fim dos meus dias,
isto é certo”

O artesão das palavras, o escritor que como nenhum outro influenciou nas últimas décadas o debate político alemão, revelou um segredo que chocou a Alemanha e deixa órfã de ícones a esquerda. Mais do que o ter-se deixado seduzir na adolescência pelo nacional-socialismo, incomodam os alemães os 60 anos de que Grass precisou para o confessar e o momento escolhido

HELENA FERRO DE GOUVEIA, BONA

DESMONTAGEM DA CONSCIÊNCIA MORAL DA ALEMANHA?

Vergangenheitsbewältigung. Um “palavrão” alemão que significa o trabalho de memória, o confronto dos alemães com a sua história e com o Mal absoluto do Terceiro Reich. Exercício que a Alemanha democrática fez exemplarmente e com o contributo de Günter Grass. Como pouco outros escritores, o Nobel da Literatura tematizou na sua obra a culpa, a cumplicidade da sociedade alemã com o nacional-socialismo e o recalento. “Normalizada” a Alemanha, Grass achou que este era o momento certo para revelar um episódio biográfico ocultado durante sessenta anos.

Em 1944, um jovem de 17 anos, como tantos da sua geração, é chamado a servir como “Flakhelfer” – ajudante nas brigadas anti-aéreas – para mais tarde na Primavera de 1945 ser incorporado como soldado. Esta era a versão que Günter Grass tinha deixado valer até à entrevista dada ao *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (FAZ), o diário em cujas páginas se tem produzido desde a queda do Muro os mais interessantes debates intelectuais alemães. Na entrevista revelou Grass que foi soldado das Waffen-SS, os soldados políticos de Hitler, guardiães dos campos de extermínio e responsáveis por incontáveis e bestiais massacres das populações civis.

As carnificinas de Oradour sur Glane ou Sant’ Anna di Stazzema foram perpetradas por divisões blindadas das Waffen-SS, no Verão de 1944, algumas semanas antes da incorporação do jovem Grass na Divisão de Blindada “Jörg von Frundsberg” (onde lutavam voluntários franceses, valões, flamengos, holandeses, noruegueses, dinamarqueses e suecos, contra a “ameaça bolchevique”). Na altura não teve medo. Como tantos outros adolescentes via os uniformes negros como uma elite. Como tantos outros acreditou na *Endsieg* (vitória final), e como tantos alemães com uma nódoa nazi no passado, calou-a. E este é grande dolo que os intelectuais e editorialistas apontam ao “Praeceptor Germanie” Grass, o de ter traído com a sua omissão aqueles de quem se fez porta-voz. Ao FAZ o escritor explicou porque o fez agora. “Era algo que me pesava”, disse. “O meu silêncio durante todos estes anos é uma das razões pelas quais escrevi este livro [a sua autobiografia *Beim Häuten der Zwiebel*, um título metafórico, que se pode traduzir como *Descascando a Cebola*]. Era algo que tinha que contar...”

Perceber o silêncio

“Existem diversas teorias para explicar o facto de Günter Grass só agora ter quebrado o silêncio”, explicou ao PÚBLICO Marco Bertolaso, historiador e chefe de redacção da Rádio Deutschland Funk. “Há quem considere que se trata de uma genial campanha promocional para a autobiografia e se sinta incomodado com

o ‘oportunismo’, há quem interprete a entrevista como a necessidade de um ancião cuidar do seu lugar na história da literatura, um pouco como Miterrand o fez na política. Naturalmente que o momento se presta também para alguns ajustes de contas.”

A Grass não faltaram oportunidades para fazer esta confissão. Quando se indignou veementemente, em 1985, durante a visita do então chanceler Helmut Kohl e do presidente norte-americano Ronald Reagan ao cemitério militar de Bitburg, no qual estão também sepultados 49 soldados das Waffen-SS. Um deles podia ter sido Grass e essa podia ter sido a sua deixa. Ou em 2003 quando defendeu o escritor e seu amigo Walter Höllerer – que em 1942, aos 19 anos, aderiu ao NSDAP (Partido nacional Socialista) – ou, há poucas semanas, quando abriu o congresso do PEN-Club em Berlim dedicado à guerra. Os leitores da obra de Grass, plena de confrontação com a ditadura nazi, interrogam-se como é possível que o escritor tenha exigido que os alemães olhassem nos olhos o seu passado, guardando ele próprio uma zona de sombra e como

revelaram outros? Nenhum literato, nenhum político, nenhum jornalista, nem os americanos que estavam ao corrente da informação [num documento, em posse do exército americano, datado de 24 de Abril de 1946, Grass escreveu pela sua mão ser soldado das Waffen SS], nem a própria Stasi (polícia política da RDA), denunciaram, investigaram, perguntaram a Grass. O intelectual de estimação, simpático, característica rara nos escritores, amigo de Willy Brandt e opositor do grupo Springer, era o candidato ideal a “consciência moral” da Alemanha. “Esta incarnação dos estereótipos dos intelectuais de esquerda não precisava de factos biográficos (...) o oportunista era compatível com a República alemã”, escreve Wolf Lotter num comentário duro publicado no *Die Welt*.

“Como se pode erigir como consciência da nação durante 60 anos e em particular sobre as questões do nazismo, sem reconhecer que esteve profundamente implicado”, indigna-se o historiador Joachim Fest, autor do livro que descreve os últimos dias de Hitler no bunker em Berlim, que esteve na origem do filme

Der Untergang. Ninguém na Alemanha questiona a grandeza do escritor Grass, com destaque para a trilogia de Danzig, mas os seus discursos e intervenções políticas têm agora de ser de ser lidos a uma nova luz.

Ainda na entrevista ao FAZ Günter Grass criticou o “mofo” dos anos Adenauer (primeiro chanceler da Alemanha do pós-guerra), o fechar de olhos dos “católicos renanos” odiados pela esquerda, sem nunca referir que fez parte dessa sociedade conjurada na mentira. “A geração daqueles que nasceram no final dos anos 20 do século passado, os últimos a participar na guerra, esteve à beira do abismo, mas não de forma que de dele não se pudesse libertar”, escreveu o *Sueddeutsche Zeitung*. “Isto talvez explique a enorme produtividade dessa geração – um lote de grandes homens que até hoje cunham a República Federal alemã. Os representantes conservadores, oriundos de meios profundamente católicos como Joachim Fest, o escritor Kurt Flasch ou Joseph Ratzinger [Papa Bento XVI], nunca mostraram a predisposição para a condenação moral que outros, que tinham um envolvimento muito mais profundo no nacional socialismo, demonstraram.”

Em *A Ratazana* Günter Grass escreveu “Eu em todo o caso não acabei com a vida do nosso Herr Matzerath, só que não tinha nada de especial a dizer sobre ele. Depois de fazer trinta anos não tive mais notícias dele. Ele recusava-se. Ou fui eu que o fechei à chave”. A fechadura abriu-se e Oskar Matzerath, no ocaso da vida, aceitou crescer. ■



Escultura em Berlim com nomes de escritores alemães famosos. Grass está no topo

ousou denunciar os jovens esquerdistas do Maio de 68 como “nazis pintados de vermelho” quando ele próprio envergonhou o uniforme negro das SS.

“Em nenhum país europeu se viveu um confronto ideológico entre esquerda e direita tão profundo como na Alemanha do pós-guerra. Esse confronto tocava as pessoas existencialmente – em Berlim os dois blocos eram tangíveis. Se Grass tivesse dito na época de Willy Brandt [resistente e exilado do nazismo] que sido soldado das Waffen-SS teria sido aniquilado politicamente, como o foram muitos políticos conservadores. Acredito que ele tenha esperado por uma época como a actual, ‘desideologizada’, para o fazer. Grass está convicto que agora, depois do contributo que deu para a democracia alemã e para a reconciliação germanopolaca, os alemães o compreenderão”, analisa Marco Bertolaso.

Reacções duras

Se Günter Grass calou – por vergonha, por receio do limbo social – porque não o